

Projeto

História Global de Portugal

CARLOS FIOLHAIS

RÓMULO — CENTRO CIÊNCIA VIVA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

JOSÉ EDUARDO FRANCO

CIDH, UNIVERSIDADE ABERTA;
CLEPUL, FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA

JOSÉ PEDRO PAIVA

CENTRO DE HISTÓRIA DA SOCIEDADE E DA CULTURA,
FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(DIREÇÃO DE)

História Global de Portugal

Sinope

O conceito de globalização, termo muito recente no vocabulário universal, passou a ocupar um lugar central no mundo, nos alvares do século XXI. De facto, a moderna globalização — um reforço de um fenómeno que tem raízes milenares — provocou resultados que a todos interpelam, levando a um requestionar perceções e identidades de indivíduos, países, regiões e, no limite, de todo o planeta, que é, afinal, a pátria comum e única da humanidade. A interconectividade e a interpenetração entre os numerosos espaços habitados do globo, assim como o consequente processo de uniformização do mundo, que se acentuou a partir do século XIX, são hoje uma realidade que tem de estar presente em todas as nossas reflexões.

A radical e vertiginosa transformação que a recente globalização está a provocar, alavancada, entre outros fatores, pelas tecnologias

digitais de comunicação, teve antecedentes históricos. Entre eles, nos séculos XV e XVI, avultam as viagens marítimas protagonizadas pelos navegadores ao serviço das Coroas portuguesa e hispânica. Sulcando o *mar ignoto*, em particular o Atlântico, via de comunicação até então praticamente indomável — uma vez que o Índico já era navegado antes de Quinhentos por muitos navios árabes e, sobretudo, pelas embarcações chinesas comandadas por Zheng He —, os europeus estilhaçaram as fronteiras do conhecimento da época. Nas fascinantes palavras do matemático e astrónomo quinhentista Pedro Nunes, «descobriram *novas* ilhas, *novas* terras, *novos* mares, *novos* povos: e o que mais é: *novo* céu, *novas* estrelas». Enfim, rasgaram os caminhos para um mundo novo, os quais permitiram à humanidade, pela primeira vez na sua história, adquirir consciência da sua dimensão planetária. Desde então, e a ritmos cada vez mais intensos até ao presente,

o «mundo abriu-se ao próprio mundo», no dizer epigramático do jesuíta António Vieira.

No final do século XIX, a invenção do telégrafo elétrico e depois do telégrafo sem fios (TSF) permitiu expandir a comunicação de informação no mundo, processo que, no século XX, a revolução informática e das telecomunicações acelerou a ritmos alucinantes. Ao mesmo tempo, as viagens humanas tornaram-se progressivamente mais fáceis, tanto por terra e mar como, afirmando-se novidade, pelo ar. Hoje, a Aldeia Global proclamada pelo canadiano Marshall McLuhan, nos anos 60 da centúria passada, impõe tendências culturais, comportamentos e modos de vida, e também altera os paradigmas clássicos de construção do conhecimento. As diversas comunidades humanas nos vários continentes encontraram no ciberespaço uma praça que partilham e as liga.

Desde os finais do século XX, a História foi um dos domínios do conhecimento onde as mutações provocadas pela globalização começaram a afirmar-se, transformando o viés analítico do passado. A aldeia, a cidade, a região, o país, o continente, até então perspetivados na contingência de barreiras mentais, culturais mas também tangíveis que os enclausuravam, passaram a ser entendidos nas entrelaçadas dinâmicas em que se misturavam, num mundo cada vez mais interligado.

O surgimento, em 2006, do *Journal of Global History* (da Cambridge University Press) é um

dado inequívoco desta tendência, que trouxe para o horizonte dos historiadores categorias decisivas para se entender o mundo a uma escala global, como são as de miscigenação, conversão cultural e história conectada. Anteriormente, através dos velhos manuais escolares, que refletiam o que se produzia nas academias, aprendia-se a conhecer a história de um país, à semelhança do que se fazia nos outros. Seguia-se uma perspetiva eminentemente nacional, tendo como ponto de partida a configuração territorial de fronteiras rígidas e aparentemente fechadas, que pressupunham um certo território cultural, mental, espiritual e simbólico, que estava acantonado na terra onde se nascera. Por este prisma epistemológico, primeiro estudava-se a história pátria, eventualmente acumulando-a com a de outras pátrias, normalmente olhadas a partir da janela indígena de onde se espreitava. Cada nação era um umbigo do mundo, sendo o resto uma paisagem necessariamente secundária, ignorada ou campo de projeção das vanglórias nacionais. Além da pátria, existia um conjunto de países com os quais se estabeleciam relações de cooperação, transação, influência, domínio, conflito, separação, negação ou, nalguns casos, de acolhimento. A história era conhecida de forma bipolar, dualista: existíamos nós e existiam os outros. E os outros eram muitas vezes vistos de modo maniqueísta: existiam os povos amigos e os povos inimigos. Nos casos mais extremos, a história nacional era ensinada como uma rea-

lidade quase autónoma da história do mundo, com uma existência imaginariamente separada, isto é, que podia ser explicada como se nada mais existisse, ou, existindo, como se essa existência não fosse determinante para o objeto principal de interesse.

Na atualidade, como lembra Christopher Bayly, num livro que transformou os paradigmas dos historiadores, todos fazemos história global, mesmo que, por vezes, disso não nos apercebamos. Este novo ideário historiográfico do tempo da globalização não se confunde com o da História Comparada, embora dela retire perspectivas e métodos. A história global é diferente do conjunto sobreposto das histórias nacionais. Para melhor compreender os dinamismos que exigiram interconexões e interações globais, é imprescindível ter presente que, neste âmbito, o trabalho do historiador não consiste, como escreve o alemão Sebastian Conrad, em «escrever uma história total do planeta»¹, explorando um determinado movimento, religioso, cultural, político ou outro. Deve-se antes ter «em mente as conexões globais e as condições estruturais», para tentar compreender as dominantes de longuíssima duração e as suas mudanças em momentos charneira, que, em geral, desabrocham depois de uma grande maturação. De facto, como lembra o referido estudioso, a «história global não é

sinónimo de «macro-história». Muitas vezes na história global os problemas mais interessantes surgem no ponto de interseção entre os processos globais e as suas manifestações locais». É no entrelaçamento entre o global e o local que surgem as questões mais instigantes, sendo necessário discernir entre tendências globais e realizações locais, naturalmente muito diferenciadas. É articulando visões micro e macro que se analisam e percebem os impactos locais de fenómenos universais.

Nesta linha, nas duas últimas décadas despontou em vários países uma reflexão acutilante sobre a história global, que impõe a necessidade de revisitare repensar a História. É esta reflexão epistemológica que está a fazer emergir, no campo historiográfico, novas histórias globais de várias nações. Assim, em 2016 e 2017, respetivamente, vieram a lume as histórias mundiais de França e de Itália, como já têm sido publicados livros na América que perspectivam a história global dos Estados Unidos².

À luz destas tendências os países já não são considerados espaços fechados nas suas fronteiras, antes devem ser perspectivados como plataformas territoriais tomadas na extensíssima duração do processo de humanização, desde as primeiras comunidades humanas — que deixaram multiformes e esbatidos traços que recentes investigações arqueológicas,

==

¹ Conrad, S. (2017). *Historia Global: Una Nueva Visión para al Mundo Actual*. Crítica. Barcelona.

==

² V.g. Guarneri, Carl (2007). *America in the world: United States History in a Global Context*. McGraw-Hill Education. New York.

mais sofisticadas, permitiram recentemente desvendar – até às novas vagas migratórias. Estas, apesar de gerarem atávicas tendências de alteamento de muros destinados a contê-las, obrigam a relativizar os limites que anteriormente separavam a humanidade em quadrículas nacionais.

As nações são entidades jovens, que se definiram e consolidaram apenas no século XIX. Mas os territórios circunscritos pela sua definição formam o palco por onde passaram e onde atuaram, ao longo de milénios, povos, etnias, clãs, tribos, senhorios, reinos, impérios, que circulavam e se fixavam independentemente das atuais fronteiras. A história global tem milénios, ao passo que a história das nações não tem mais do que alguns séculos.

O território onde, na atualidade, se inscreve Portugal, apesar de exibir uma das fronteiras mais antigas da Europa (com ligeiras oscilações nos últimos oito séculos), foi, como praticamente todos os países, atravessado, durante milhares de anos, pela circulação dinâmica de diferentes povos. Estes povos, desde a protoglobalização pré-histórica, como a define o sociólogo e filósofo francês Edgar Morin na sua obra *Penser Global*, circularam pelos continentes seguindo os ritmos e ciclos climatéricos³. O *locus* que atualmente designa Portugal foi ponto de chegada e de partida de

gentes, culturas, línguas, ideias, tendências de gosto, comportamentos, crenças, instituições, produtos que sempre foram variáveis e que aqui e nos ubíquos lugares onde chegaram imprimiram sinais de miscigenação plurimodal que foram enriquecendo as cores do mundo.

Este projeto, intitulado *História Global de Portugal*, pretende oferecer um conhecimento crítico, através de um exercício de síntese analítica, que permita produzir uma visão de conjunto da história que, tendo tido génese no território português, ou tendo passado por esse território, estimulou o processo de encontro e desencontro do mundo global hodierno.

É um Portugal em contacto com o(s) mundo(s), recebendo e exercendo influências que as fronteiras físicas e mentais não conseguiram barrar, que interessa aqui considerar. Será uma história descentrada da ótica nacional a partir da qual fomos habituados e nos habituámos a conhecer o nosso passado. Nesta obra, olhar-se-á com especial atenção para o mundo que moldou Portugal e os portugueses, e para o Portugal que configurou o mundo. Procurar-se-ão identificar e compreender as várias transversalidades de impacto histórico e os impulsos que elas deram na construção do país e do mundo. Um e outro são hoje o resultado de múltiplos cruzamentos.

Este projeto conta com a colaboração de 100 autores e, embora se situe na grande área disciplinar da História, dele fazem parte es-

==

³ Morin, E. (2015). *Penser Global*. Éditions Robert Lafont / Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme. Paris.

pecialistas das mais diversas subáreas, desde a História Política, História Institucional, História Geográfica, História Cultural, História da Ciência, História Económica, História Social, História da Arte, História Religiosa, entre outras. Com eles convidamos o leitor a construir uma visão não paroquial da História de Portugal, aprendendo que, hoje, não se pode perceber a história de um local, mesmo que seja um país, ignorando o mundo com o qual ele foi sempre interagindo. O Portugal que somos é o resultado de numerosos diálogos e confrontos com outros. E o mundo tem traços das mediações que os habitantes do espaço de Portugal espalharam. É esta história que aqui se pretende contar.

Instituições Científicas Coordenadoras

CIDH-Universidade Aberta / CLEPUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Rómulo – Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra

Instituição Gestora

Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes

Direção Científica

Carlos Fiolhais
José Eduardo Franco
José Pedro Paiva

Coordenação Científica

João Luís Cardoso (Pré-História e Proto-História)
Carlos Fabião (Antiguidade)
Bernardo Vasconcelos e Sousa (Idade Média)
Cátia Antunes (Época Moderna)
António Costa Pinto (Época Contemporânea)

Secretariado-Executivo

Cristiana Lucas Silva

Assessoria de gestão

Paula Carreira